

## Quincas Borba [ parte 1 ]

A obra Quincas Borba foi publicada, assim como diversos outros textos do Machado de Assis, primeiramente em periódicos. Alguns desses, voltado ao público feminino -- que não apenas era o maior consumidor de romances durante todo o romantismo e realismo, como também no Brasil era um público que se achegava às revistas mensais -- além das *últimas da Corte*<sup>1</sup> traziam também contos e poemas. Apenas de Machado de Assis, a revista A Estação publicou mais de 40 textos, entre contos, poemas e o romance aqui abordado.

O tempo total dedicado à publicação dos capítulos que compõem o Quincas Borba atual foi de 5 anos, ou seja, durante meia década Machado escreveu, e a revista publicou, nada menos que 25 capítulos que, ao fim, precisaram ser editados e compilados para compor um livro que, hoje, vê-se claramente ao analisar toda a obra do autor, tratar-se de um material único.

Único porque, sendo romance à semelhança dos anteriores (A mão e a luva – 1874, Helena -- 1876, e Memórias Póstumas de Brás Cubas – 1881), no estilo era outro. Não mais da fase romântica e idílica de Helena, Quincas mantém o bom humor do Memórias mas com a gravidade temporal do movimento realista, chegando à crueza até mesmo do naturalismo, trazendo para o palco principal problemas de caráter, instabilidades políticas e aventuras de um período onde as donzelas românticas eram tratadas como moças à procura de um esposo, e aqui temos a divina Sofia, casada e sedutora, afeita à exibição de sua figura e à busca de ser paquerada nos bailes da Capital.

O personagem que dá título ao livro vem do *Memórias Póstumas*, mas como o protesto do autor no prólogo<sup>2</sup> da segunda edição traz, não é aquele personagem mas aquele gancho apenas. Chega, dá o tom e vai. Fica apenas o Humanitas<sup>3</sup>, no corpo do cão.

Note o leitor que, aplicando a teoria do filósofo que dá título ao livro, o narrador consegue mantê-lo vivo por toda a obra, mesmo sendo morto. O cão Quincas Borba “tinha coisas de sentimento, e até de juízo”<sup>4</sup>, mantendo viva a bondade e a excentricidade de seu dono, que à semelhança de um príncipe Míchkin<sup>5</sup> é genial, mesmo sendo *meio bobo*.

A trama é passada então às mãos de Rubião, um ex-professor desprovido de qualquer noção de grandeza, seja acadêmica ou em matéria de experiência de vida; a única arte em que era versado era aquela bem brasileira, a do sonhar com a riqueza.

Os primeiros capítulos se passam entre os devaneios filosóficos de Quincas Borba e a dissimulação -- interna e externa, para consigo e para com os outros -- de Rubião entre aceitar logo a morte do amigo (“Acabou de sofrer!”<sup>6</sup>) e garantir sua herança universal, negando ao doutor

---

<sup>1</sup> Rio de Janeiro se tornou a Corte desde 1808, e assim foi até o ano de 1889.

<sup>2</sup> A edição utilizada aqui na Escola de Conservadorismo é da Editora Companhia das Letras, edição que traz o Prólogo aqui citado.

<sup>3</sup> Na filosofia do Quincas Borba, o Humanitas é a essência que compõe tudo, algo como o átomo na física e a energia na Nova Era. A filosofia – já largamente apresentada pelo próprio em Memórias Póstumas – é a compreensão do Quincas da formação da matéria, ideia presente também em Augusto Comte (ver aula anterior), que se via como alguém importantíssimo para a existência humana, pois trazia a compreensão final, a consequência natural da Teologia (monoteísta e politeísta), da metafísica culminando na compreensão do que é, o positivo. Curioso notar as palavras do Quincas Borba, no capítulo 6: “Crê-me, o Humanitismo é o remate das coisas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo”.

<sup>4</sup> Cap IX.

<sup>5</sup> O príncipe Liév Nikoláievitch Míchkin é o personagem principal do romance O Idiota, de Fiódor Dostoiévski, escrito em 1869, 22 anos antes de Machado escrever o Quincas. Nele, Dostoiévski traz um personagem jovem, inocente e ético ao absoluto, à semelhança de outro personagem muito citado por Machado, o Pangloss, de Voltaire.

<sup>6</sup> Abertura do capítulo XII

ciência do conteúdo da carta *por onde se podia provar o estado mental de Quincas Borba*<sup>7</sup>, e quiçá dar ensejo a tentativas de terceiros em retirá-lo parte da herança.

Do recebimento da notícia da herança até a ida para a Corte não vai um pulo, comportamento não menos esperado de um *matuto*, como o chama o doutor Palha mais adiante, vindo de Barbacena (cidade do interior de Minas Gerais, ao norte de Juiz de Fora e a menos de 300km da cidade do Rio de Janeiro). Vindo e indo, o barbacenense passa a obra entre a Corte e a cidadezinha mineira; em corpo, no trem que fazia o percurso, e em espírito, na admiração da enseada ao fundo de sua casa em Botafogo. A propósito dessa cena, que abre a obra machadiana aqui estudada e aparece novamente um par de vezes ao longo do romance, o poeta mato-grossense Manoel de Barros escreveu:

*O rio que fazia uma volta  
atrás da nossa casa  
era a imagem de um vidro mole...*

*Passou um homem e disse:  
Essa volta que o rio faz...  
se chama enseada...*

*Não era mais a imagem de uma cobra de vidro  
que fazia uma volta atrás da casa.  
Era uma enseada.  
Acho que o nome empobreceu a imagem.*<sup>8</sup>

Rubião se adapta rapidamente ao seu novo *status* social. Comete alguns deslizes comuns ao novo rico, ainda mais se matuto, como falar de sua riqueza para qualquer um que lhe apareça pela frente mas, sorte dos bobos e ingênuos, encontra pela frente gente que sendo ambiciosa, não é de má-fé, antes moldada pela vontade de ser “o bom europeu” abdica de grandes pecados em favor de pecadilhos como o faz Cristiano de Almeida e Palha, que encontrando Rubião no trem a caminho da Capital, ouve os detalhes da herança recém recebida pelo mineiro e adverte amigavelmente: *Não repita o seu caso a pessoas estranhas. Agradeço-lhe a confiança que lhe mereci, mas não se exponha ao primeiro encontro.*

Não é a única dica que o matuto escuta da gente da cidade grande, e de não escutar e não ouvir, Rubião acaba se apaixonando pela esposa do Palha, a linda (aos olhos de Rubião, a deusa) Sofia<sup>9</sup>. Bem o advertiu o major Siqueira “A Corte é o diabo; apanha-se uma paixão como se apanha uma constipação; basta-se uma fresta de ar, fica-se perdido”. E foi não apenas uma fresta de ar mas uma constelação inteira, vista no jardim e nos olhos de Sofia, momento em que Rubião passa de uma pombinha trazida ao peito a um gavião faminto. Lança-se ao encanto dos olhos e dos ombros da paixão e lhe aperta os dedos, trazendo ao Quincas Borba o primeiro ápice, o momento em que certamente muitas senhoras assinantes da A Estação suspiraram e foram se deitar sem sono, horrorizadas ou espetadas pelo asselho de Sofia<sup>10</sup>. Temos no capítulo XXXIX a declaração de Rubião à sua amada.

---

<sup>7</sup> Capítulo X.

<sup>8</sup> BARROS, M. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2011.

<sup>9</sup> Sofia é, na filosofia platonista assim como na teológica, a ideia da Sabedoria, porém inicialmente Sofia não remetia à Sabedoria mas sim à Esperteza, ou seja, à Habilidade de utilização da Sabedoria. A personagem do romance traz justamente essa faceta, pois mesmo trazendo consigo a pureza da fidelidade ao marido, sabe utilizar com maestria o autoconhecimento para se nutrit de admiração e desejo.

<sup>10</sup> No Helena, há um momento onde a personagem que dá nome ao romance entra na biblioteca de Estácio à procura de um livro, apanha um *Manon Lescaut*, obra de conteúdo picante. Ao contar a Estácio sobre ter tomado o livro, ouve do rapaz “Não é livro para moças solteiras”, ao que ela replica rindo “Não creio mesmo que seja para moças casadas”. (Helena, capítulo V).

-- Morangos adúleros. Ironiza Freitas, novo amigo de Rubião no Rio de Janeiro, ao ver o mineiro receber, recém-chegado à Capital, uma cestinha repleta de morangos e acompanhada de um bilhete. "Fica intimado a vir jantar conosco, hoje, sem falta. Sua verdadeira amiga. Sofia."

A tríade amorosa (ainda que inconclusa) em Machado de Assis, em Quincas Borba acontece com um fator que adiciona sensualidade pecaminosa à trama, a condescendência de Cristiano Palha para com a ousadia de sua esposa, Sofia. Da própria cena da cesta de morangos, no desenrolar do livro o leitor toma conhecimento de que foi de Cristiano o punho que escreveu o bilhete, ditado pela esposa. O narrador informa que, também, nas festas e bailes a esposa ia [muito] decotada a pedido do marido, que gostava de ostentar a beleza da esposa como um troféu diante da alta sociedade.

Se nos romances anteriores Machado de Assis abusava da imaginação da leitora, tanto em Helena com a possibilidade do romance secreto na casa da bandeira azul como em Dom Casmurro com a eterna dúvida sobre a traição de Capitu, aqui em Quincas Borba o autor dá um passo além, incluindo não apenas traição como condescendência.

Mas não temos apenas o elemento amoroso, necessário ao romance vendido como novela em capítulos; temos também o fundo político tão presente em Esaú e Jacó, aqui representado pelo Camacho, "[...]homem político. Formado em direito em 1844, pela Faculdade do Recife... escrevera um jornal político, sem partido definido, mas com muitas ideias colhidas aqui e ali"<sup>11</sup>.

A personagem que entra para quebrar o ritmo de romance, responsável pelo primeiro quarto da obra, chega com as tintas na mão, escrevendo e publicando na Atalaia o sonho Liberal da época do segundo reinado, clamando por abolição, boa política e liberdade. É Camacho o Liberal com o sangue revolucionário francês nas veias e o coração poético no peito, retrato não de romances russos mas da História do Brasil, quando durante todo o século XIX o País viu pipocar, na ruas de tantas capitais, Feijós, Ruis, Bonifácios e Zacarias culminando na ascensão dos militares no fim do século, o que não era o cenário sonhado pelos liberais mas era de qualquer forma o fim do Império.

Temos aqui a transição do livro para um novo ponto do enredo, que dá fundo realista para a obra até então um tanto naturalista.

Fernando Melo

Aula ministrada na Escola de Conservadorismo no dia 10 de fevereiro de 2021.

---

<sup>11</sup> Capítulo XVII.